

APRENDENDO HISTÓRIA ATRAVÉS DAS HQS: EXPERIÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES

Natania A. Silva Nogueira

O cinema e as histórias em quadrinhos nasceram na mesma época, influenciadas pela expansão da indústria, notadamente nos Estados Unidos. São classificadas como arte seqüencial. As Histórias em Quadrinhos utilizam técnicas cinematográficas de narrativa e, da mesma forma, os filmes utilizam situações e linguagens semelhantes às utilizadas nas hq's. Como o cinema, os quadrinhos se tornaram uma arte popular (a nona arte) e massificada pela indústria cultural. Tiveram nítida influência no movimento artístico chamado de POP-Arte, onde muitos artistas contemporâneos a utilizaram em suas obras.ⁱ

Historicamente, os quadrinhos sofreram inúmeras perseguições, resultado de preconceitos endossados por educadores que, partindo de uma visão reducionista e simplista, condenaram sua leitura por crianças e adolescentes rotularam as hqs como responsáveis pela violência e pela perversão moral da juventudeⁱⁱ. Hoje, sua leitura e produção auxilia estudantes a compreenderem temas complexos da História, que normalmente estão afastados da sua experiência diária de vida. Seu uso como recurso didático, no entanto, ainda é tema pouco discutido no meio acadêmico. Nosso desafio é apresentar possibilidades de utilização deste recurso como forma de reforçar o processo de ensino-aprendizagem, através do incentivo do uso dos quadrinhos na sala de aula.

As hq's podem ser utilizadas para estimular a leitura e o interesse dos estudantes pelas abstrações, mantendo o vínculo com o objeto formal e abrindo caminho para o desenvolvimento do raciocínio lógico e para a criação de instrumentos de compreensão da realidade social em que vivem.

Um dos grandes desafios dos educadores atualmente é estimular o hábito da leitura e da escrita. Segundo o professor Marcus Venício Ribeiro *“Num país onde a grande maioria da população não sabe ler ou mal entende o que lê (logo, não sabe também escrever), o ensino da História, e de outras disciplinas, deve, em conseqüência, vir acompanhado de investimentos permanentes em leitura, redação e reflexão – competências que as aulas expositivas e o tradicional sistema de perguntas e respostas não ajudam a desenvolver”*ⁱⁱⁱ

O estudante deve aprender a ler e aprender a trabalhar as informações que adquire através da leitura. Acreditamos que um excelente instrumento para alcançar este objetivo, seja o uso das histórias em quadrinhos na sala de aula. Partindo deste princípio, estamos desenvolvendo um projeto que envolve o uso das hq's, tanto sua leitura quanto sua elaboração pelos estudantes de Ensino Fundamental e, posteriormente, de Ensino Médio.^{iv}

As Histórias em Quadrinhos possuem uma linguagem simples e de fácil compreensão para os alunos, que em geral não oferecem resistência a seu uso, uma vez que são relacionadas a uma forma de entretenimento e lazer. Segundo Flávio Calazans, os quadrinhos quando são projetados em sala de aula, como recurso para complementar o ensino de determinado conteúdo, prendem mais atenção dos alunos do que outros recursos, como o vídeo, por exemplo, porque permitem que ocorra uma leitura simultânea da página, podendo o leitor captar a ação em todos os seus tempos.^v

Desvendar essas “intenções”, aprendendo a ler nas entrelinhas, é fundamental para uma boa compreensão e absorção das informações. É necessário desenvolver as habilidades de “*ler, escrever e pensar*”. Esta tem sido uma necessidade urgente nos tempos difíceis em que vive a educação brasileira, no que se refere à formação tanto de professores quanto de alunos.

Existe uma grande quantidade de Histórias em Quadrinhos que podem ser utilizadas nas salas de aula. No Brasil, infelizmente, esse rico material ainda está distante das escolas públicas. São publicações muito bem elaboradas, mas com um custo elevado, como acontece com a maior parte do material paradidático. Daí a dificuldade do professor da rede de escolas públicas de utilizá-los na sala de aula, recorrendo, em alguns casos, à reprodução de pequenos fragmentos.

Os trabalhos publicados, através de artigos ou obras completas, sobre o uso das hq's nas escolas ainda estão em número reduzido, embora este recurso esteja sendo cada vez mais utilizado nas salas de aula. Temos conhecimento de iniciativas bem sucedidas de muitos professores que apostaram no uso deste recurso como reforço ao processo de ensino aprendizagem. Falta, entretanto, a divulgação de idéias e resultados.

O Professor Flávio Calazans é um dos defensores do uso das hq's como instrumento de ensino. Em seu livro *“História em quadrinhos na escola”* ele oferece aos educadores importantes sugestões de como trabalhar as hq's na sala de aula, partindo de sua experiência e da experiência de outros educadores. Calazans afirma *“Os limites do emprego de hq's na sala de aula são os limites da criatividade do professor”*.^{vi} Para ele as hq's são uma fonte infinita de possibilidades e que podem ser exploradas de todas as formas possíveis pelos professores. Iremos comentar algumas destas sugestões que o autor cita em seu livro.

A primeira delas é a criação de uma *gibiteca* na escola. Essa iniciativa não é onerosa à escola e nem ao professor. Os alunos poderão recolher as hq's na comunidade. A *gibiteca* pode ser iniciativa de uma classe ou de toda a escola. Calazans sugere que, na falta de espaço – um problema comum nas escolas públicas, abarrotadas de alunos -, que seja realizado um rodízio de hq's, possibilitando a leitura do acervo pelo maior número de estudantes.

Ele também sugere trabalhar o erro. No caso, trabalhar falhas de caráter de personagens ou mesmo erros de falar e ortografia, como é o caso das aventuras do Chico Bento, onde o professor pode utilizar os erros de ortografia do personagem para ajudar os alunos a corrigirem seus próprios erros e seus vícios de linguagem. Aliás, muitos educadores defendem que trabalhar o “erro” pode ser o melhor caminho para se ensinar o “correto”. Os quadrinhos podem ser utilizados na alfabetização de alunos do ensino fundamental. Eles

podem fazer exercícios onde irão preencher balões, completar frases, narrar pequenas histórias, por exemplo. Por ser uma atividade prazerosa a leitura de hq's torna a ação de estudar estimulante.

Outro exemplo de trabalho com hq's, agora voltado às primeiras séries do ensino fundamental, foi o realizado no CAC II.^{vii} A proposta foi planejada para ser implementada durante o mês de maio (infelizmente não se cita o ano) e tem por objetivos introduzir o aluno no mundo da leitura e estimulá-lo a produzir seu próprio material (sua própria hq). O destaque está nas estratégias propostas aos professores, que vão, passo a passo, introduzindo as hq's na sala de aula. Inicialmente, o professor explica o que é uma história em quadrinhos; em seguida apresentam-nas aos alunos (através de uma leitura individual de uma tirinha); segue-se a um trabalho de interpretação daquilo que foi lido e uma discussão sobre a diferença entre um texto composto por narrativa e um composto por diálogos.

A esse trabalho seguem atividades de pesquisa sobre as hq's, estimulando o interesse dos alunos pela sua leitura e por conhecer mais um pouco sobre os quadrinhos nacionais. A linguagem dos quadrinhos também é explorada neste sentido, ao se propor o conhecimento da função comunicativa dos diferentes tipos de balões e de sua escrita: onomatopéias, amorosas, de gritos, chorar, segredos e canções.

Essas atividades auxiliam o processo de alfabetização dos alunos, tornando-o mais prazeroso e interessante. Os alunos são motivados a produzirem pequenos textos com os personagens dos quadrinhos (no caso, citam os personagens de Maurício de Souza) e a discutirem a personalidade de um ou mais personagens. O trabalho finaliza com a criação de hq's pelos alunos. Trata-se de um bom exemplo de criatividade e que pode ser adaptado à realidade das escolas públicas e particulares, como um grande ganho tanto para professores quando para alunos.

Cabe aqui citar também a experiência da educadora *Cristina de Oliveira Pacheco* com o uso de hq's no ensino para deficientes auditivos. Tendo sua base teórica construída sobre a teoria de Vygotsky^{viii} sobre a linguagem escrita a autora propõe a: *“utilização de softwares de histórias em quadrinhos objetiva o desenvolvimento da produção escrita e da competência lingüística em sujeitos portadores de deficiência auditiva”*.^{ix}

A educadora parte da hipótese de que é possível desenvolver uma forma de “escrita” por imagens como atividade propulsora para avanço ao estágio de desenvolvimento da escrita, propriamente dita. Ao longo do texto a autora relata sua experiência de trabalho com portadores de deficiência auditiva utilizando softwares de produção de histórias em quadrinhos. No caso, duas meninas (uma de dez anos e outra de oito anos) matriculadas no ensino regular respectivamente na 3ª e na 2ª séries, e um rapaz de dezessete anos, que frequenta uma classe especial para deficientes auditivos.

Inicialmente, a educadora apresentou aos alunos o software e explorou com eles as suas possibilidades de uso, em seguida partiu para a criação de quadrinhos-temáticos,^xa criação de hq's por parte dos alunos, ocorreu espontaneamente para alguns, embora para outros tenha sido necessária a intervenção do orientador (ou facilitador, termo usado pela educadora), que discutia com ele sobre personagens, tema e enredo. A partir dessas intervenções o trabalho foi fluindo aos poucos e os alunos foram dando seqüência ao trabalho. Para a educadora, a utilização das hq's funciona como instrumento da linguagem escrita, pois estimula e viabiliza a passagem para formas mais complexas de expressão. A etapa seguinte é a criação de “cooperativas com amigos virtuais”, através de trocas de mensagens com alunos provenientes de algumas escolas em Portugal. Para esses alunos esta tem sido uma oportunidade de integração social, uma vez que permite que se expressem através do desenvolvimento da escrita.

No estudo da história, os quadrinhos podem ser não apenas utilizados como referências, mas também como instrumento para a construção do conhecimento. Sua leitura envolve e

desenvolve uma série de competências e habilidades, importantes para o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Em “*Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula*”^{xi}, são sugeridos aos professores de história alguns procedimentos para sua leitura: a) reunir informações sobre o(s) autor(es); b) analisar o contexto histórico em que foi produzida; c) identificar valores e ideologias expressas pelo(s) autor(es) na obra; d) identificar o público-alvo ao qual se destina a hq; e) sua finalidade _ se informativa, educacional, educativa, didática, política.

Alguns cuidados devem ser tomados com o uso das Histórias em Quadrinhos. O primeiro deles é ter em mente que uma história em quadrinhos é uma obra de ficção que retrata as idéias do autor e o contexto do período no qual foi produzida. Portanto, ela pode conter, por vezes, lacunas uma vez que não possuem compromisso explícito em retratar a realidade.

O fato de uma hq ser ambientada em um tempo passado não sugere que seu conteúdo seja integralmente fiel ao contexto histórico. Um exemplo pode ser a obra de Frank Miller, os 300 de Esparta. É uma hq belíssima, inspirada em um fato histórico real, mas que é dotada também de elementos fictícios e romanceados. Ela pode ser utilizado como referência em uma aula de história? Certamente. Mas cabe ao professor orientar a leitura e possibilitar aos alunos recolher do texto informações que podem ser fonte de aprendizado, aprendendo a separar ficção de fato histórico. É um exercício que ajuda a desenvolver o raciocínio e a capacidade de análise do estudante.

Douglas Pescadinha Jr. abordou a questão do uso de histórias em quadrinhos no ensino de história na sua monografia de bacharelado, onde analisou o uso de Asterix como fonte histórica e como material didático. Ele questiona o fato de ser ou não historicamente correto usá-lo em sala de aula. Segundo Pescadinhas, a resposta é *não*. Asterix representaria muito mais os anseios de uma Europa – França – contemporânea do que a realidade histórica da antiguidade romana. Ele aponta muitas razões para isso. Dentre elas podemos citar o

anacronismo histórico, a despreocupação com a localização de detalhes geográficos apresentados no texto; referências a fatos históricos contemporâneos, mesmo que implicitamente, etc. *“Asterix não é um trabalho de História, mas um trabalho de humor e, portanto, não tem maiores preocupações com a veracidade dos fatos, personagens e episódios que compõem as historietas. Os autores Goscinny e Uderzo, não se propõem a criar uma narrativa histórica verdadeira, mas um conto, um desenho, enfim uma história em quadrinhos verossímil, ou seja, que guarde semelhanças com a verdade, não sendo ela própria, uma verdade”^{xii}*

No entanto, esses fatos em si não desmerecem o valor da obra, que representa uma excelente referência para se estudar questões referentes à sociedade européia contemporânea, com destaque para o imperialismo norte-americano (representado por Roma) e suas conseqüências sobre a Europa e a França (representadas pela aldeia gaulesa que resiste à dominação). Por outro lado, Asterix é uma obra rica para ser explorada pelos professores de língua portuguesa, que podem destacar as palavras em latim, base do nosso idioma.

Nossa própria experiência com hq's em sala de aula demonstrou que este recurso pode auxiliar os estudantes a organizarem melhor suas idéias, a desenvolverem o raciocínio e fazer comparações entre passado e presente, compreendendo de forma mais clara conceitos como o de anacronismo, por exemplo. Trabalhamos com a confecção de quadrinhos com alunos de escolas públicas de baixa renda e de classe média. Os resultados têm sido satisfatórios. Os trabalho produzidos _ sempre em duplas _ ajudam os estudantes a colocarem em prática os conhecimentos apreendidos em sala de aula. O próximo passo é a criação de uma gibiteca, pelos próprios alunos, e a divulgação dos trabalhos na escola, numa pequena exposição para pais e professores, no término do ano letivo.

As formas do emprego dos quadrinhos como instrumento didático dependem do tipo de estratégia que será utilizada pelo educador. Em história pode-se optar pelo uso dos quadrinhos como fonte de pesquisa e mesmo como meio de se incentivar a pesquisa e o raciocínio dos estudantes; pode-se incentivar a criatividade e a imaginação dos alunos desafiando-os a criarem suas próprias hq's, adaptadas a contextos históricos diversos; podemos, também, utilizá-las como forma de introduzir questões em avaliações ou mesmo para ilustrar temas diversos, que vão das cruzadas ao imperialismo.

Como qualquer outro material didático as Histórias em Quadrinhos devem ser utilizadas com responsabilidade. Mesmo as histórias em quadrinhos para uso didático podem apresentar equívocos que devem ser identificados e administrados pelo professor. Seu uso em sala de aula deve ser devidamente planejado e adaptado à realidade social e econômica dos estudantes. Toda leitura deve ser acompanhada de questionamento. O papel do professor é fundamental para isso. O livro não é, em si só, elemento fundamental para a aprendizagem. O professor é quem faz a diferença neste processo

ⁱ SILVA, Diamantino da . *Quadrinhos para Quadrados*. Porto Alegre; Bels, 1979. p. 23-24.

ⁱⁱ Sobre este assunto, ver : GONÇALO Junior. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ⁱⁱⁱ RIBEIRO, Marcus Venício. *Não basta ensinar História*. In. *Nossa História*. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional: ano 1, n. 6, abr. 2004, p. 77.

^{iv} “Testes psicológicos aplicados em crianças demonstram que a informação quando transformada em História em quadrinhos é compreendida num tempo assustadoramente pequeno. Prova disso está nos próprios livros escolares de hoje que não passam de verdadeiros ‘gibis’ didáticos, tal o número de ilustrações que possuem” (SILVA, Diamantino da . *Quadrinhos para Quadrados*. Porto Alegre; Bels, 1979. p. 106).

^v CALAZANS, Flavio Mario de Alcântara. *História em quadrinhos na escola*. – São Paulo: Paulus, 2004. p. 11.

^{vi} CALAZANS, Flávio, op.cit.p. 17

^{vii} O projeto na íntegra, assim como exercícios e avaliações propostas pode ser consultado através do link: <http://www.planetaeducacao.com.br/professores/suporteaprof/dicasprojetos/quadrinhos.as> (link consultado em 24 de novembro de 2003.)

^{viii} “Para Vygotsky (1988) durante a pré-história da linguagem escrita as crianças constroem os pressupostos que permitirão o seu acesso à escrita, em três campos: a simulação de papéis (os jogos infantis), o desenho e as formas primitivas não convencionais de escrita. Nestas atividades elas descobririam, em diferentes níveis, a possibilidade de um simbolismo de segundo grau, ou seja, a descoberta de que um objeto em um desenho representa outro objeto que não é simplesmente um objeto com características similares.” PACHECO, Cristina de Oliveira. *O desenvolvimento da escrita em portadores de deficiência auditiva e uso de softwares de Histórias em Quadrinhos*. <http://www.c5.cl/leinvestigat/actas/ribie98/142.html> (link consultado em 20 de novembro de 2003).

^{ix} PACHECO, Cristina de Oliveira, op. cit.

^x Quadrinhos temáticos são um conjunto de histórias em quadrinhos que envolvem um mesmo tema.

^{xi} BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*/Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela: Ângela Rama, Waldomiro Vergueiro, (orgs). _ São Paulo: Contexto, 2004.

^{xii} PESCADINHA JR. Douglas. *Asteriz e a História*. Monografia de conclusão de curso. UERJ, Rio de Janeiro, 1991, p. 4 – 5.